

"URBANOFILIA" E "URBANOFOBIA" NA GEOPOLÍTICA. AS CIDADES E A URBANIZAÇÃO NO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO ALEMÃO DO ENTRE-GUERRAS E NA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA DO REGIME DE 64

Marcelo José Lopes de Souza
Professor Adjunto - Dept^o de Geografia

ABSTRACT

This paper results from two short sections of the author's PhD thesis. The main purpose of this article is to focus a subject almost unknown in Brazil: The view of the German geopoliticians of the 30s on the urbanization and the cities, in relation to the thought of the German geographer Friedrich Ratzel and the Brazilian geopolitics during the military rule.

One can only understand the "urbanophilia" of Ratzel, the "urbanophobia" of the German geopoliticians, and the more complex view of the Brazilian geopolitics of the Post-64 period, within their respective socio-historical contexts. Despite there are doctrinal similarities among Ratzel's work and the thought of German geopoliticians of the 30s, and among the German geopoliticians and the Brazilian geopolitics of the Post-64 period, the different socio-historical situations explain the different views in relation to the urbanization and its significance in terms of "progress" and "development".

INTRODUÇÃO

O texto a seguir tem, primeiramente, o modesto objetivo de levar ao conhecimento dos cientistas sociais brasileiros - especialmente geógrafos e cientistas políticos - uma faceta entre nós muito pouco conhecida da Geopolítica alemã do período de entre-guerras: a sua visão do urbano e da urbanização.

As presentes notas surgiram como um subproduto de minha dissertação de Doutorado, publicada em forma de livro na Alemanha em 1993.¹ Ponderei que talvez fosse interessante transformar aquilo que, no citado trabalho, não passa de duas pequenas seções, de caráter ainda por cima secundário naquele contexto, num trabalho à parte. Como "contrapontos" à análise do urbano e da urbanização no pensamento geopolítico alemão apresentarei, antecedendo essa análise, algumas observações sobre a visão do geógrafo Friedrich Ratzel a propósito do mesmo tema, e, sucedendo-a, farei uma brevíssima apreciação das posições de geopolíticos brasileiros do período do Regime de 64. Em que pese a extrema brevidade da presente contribuição, será possível perceber as diferenças de percepção e valoração entre a Geopolítica haushoferiana, de um lado, e Ratzel e mesmo os geopolíticos brasileiros, de outro. Com efeito, nem a Geopolítica do III Reich pode ser apresentada, sem mais, como uma "continuação" ou uma "derivação lógica" da obra de Ratzel - simplismo volta e meia cometido, no Brasil e fora dele -, nem os geopolíticos brasileiros se resumiram - como muitas vezes se pensa - a purgar a Geopolítica nazista de seus elementos racistas mais explícitos e

adotar uma retórica pró-EUA, mantendo-se, de resto, ideologicamente tributários do pensamento haushoferiano. Aqui, como sempre na vida social, verdadeiras ideologias não existem descoladas da realidade material. E as diferenças entre as realidades que serviram de panos-de-fundo histórico-sociais para Ratzel, para a Geopolítica alemã do entre-guerras e para a Geopolítica brasileira dos anos 60 e 70 foram, simplesmente, consideráveis.

1. Da "urbanofilia" de Friedrich Ratzel à "urbanofobia" da Geopolítica haushoferiana

O fato de que a Geografia Urbana furtou-se, até os anos 70, a refletir *estrategicamente* sobre a cidade e a urbanização, vale dizer, sobre as conexões entre urbanização, "desenvolvimento" e "segurança" (fortalecimento do poder político estatal), não nos deveria impedir de notar uma pequena mas interessante exceção, saída da pena do fundador da "Antropogeografia", Friedrich Ratzel. Trata-se do escrito "A posição geográfica das grandes cidades".²

A Ratzel interessavam, além da questão da relevância da função defensiva para a fundação (escolha do sítio) e evolução das cidades, a significância política das urbes enquanto "centros da vida e monumentos" - "entre todos os assentamentos humanos os mais duradouros". No fundo, o que a ele importava era a relevância das cidades para o *fortalecimento do Estado*:

"Quando os assentamentos se tornaram tão grandes e sólidos que o conquistador vitorioso de um país não conseguia mais destruí-los, deu-se um grande progresso na vida dos povos: Estados não puderam mais ser inteiramente desenraizados e povos não mais puderam ser dispersados; mesmo após a mais profunda derrota povos e sobretudo Estados continuaram existindo."³

Aliás, já em seu "Politische Geographie" traíra Ratzel, por assim dizer, sua verdadeira motivação político-ideológica para debruçar-se sobre o tema da urbanização:

"A força vital das cidades é muito maior que a das áreas rurais. O poder concentrado no interior dos muros de uma cidade pode, contudo, através de uma tamanha destruição como aquela que Tiro e Cartago experimentaram, ser completamente quebrado; os habitantes estão passíveis de serem desalojados e suas orgulhosas construções destruídas ao rés do chão. Uma área rural não pode ser arrasada e despovoada em tão elevado grau; a própria natureza não o permite, pois ela deixa os campos pisoteados tornarem-se novamente verdejantes. Mas uma população rural que tenha sido dispersada e reduzida só muito vagarosamente volta a se adensar, e dificilmente alcançará novamente o patamar de poder que foi perdido. Justamente isso é o que é o historicamente significativo com as cidades, com os homens concentrando-se no mesmo lugar, seja por costume, seja por sede de lucros ou por necessidade de proteção, tanto que, a despeito

de todos os reveses, p.ex., Roma jamais perdeu completamente seu sítio e sua significativa posição."⁴

A Geopolítica haushoferiana é comumente encarada como uma espécie de prosseguimento da doutrina de Ratzel (com a mediação de Rudolf Kjellén) e de seu espírito imperialista e determinista.⁵ Isso pode ser verdade a maior parte do tempo, mas não no que concerne à valoração do urbano e da urbanização, onde se nota uma nitida diferença entre as posições de Ratzel, de um lado, e de Karl Haushofer e outros geopolíticos, de outro.

As condições históricas diferenciadas não devem ser negligenciadas. Ratzel foi, é inquestionável, um entusiasta do imperialismo alemão, o qual, durante o III Reich, na esteira da política expansionista de Hitler, atingiu o seu clímax. Não obstante isso, Ratzel foi o representante da ideologia nacionalista de uma Alemanha do fim do século passado - de uma Alemanha que se industrializara tardiamente, e que se esforçava para alcançar e suplantar a Inglaterra e a França. Como se poderia, num tal contexto, e encarnando um patriotismo chauvinista, não ter inveja do brilho civilizatório de uma Paris ou de uma Londres?

Os geopolíticos da era nazista vivenciaram uma Alemanha bem distinta. Uma Alemanha na qual as grandes cidades já haviam servido por diversas vezes de palco para greves e levantes socialistas (Liga Espártaco); uma Alemanha cujas grandes cidades refletiam com uma clareza particularmente atroz a dureza do pós-Primeira Guerra: pobreza, desemprego, inflação e hiperinflação... Dado que as cidades, além do mais, eram também sinônimo de concentração de vários grupos sociais que, segundo a ideologia nazista, maculariam a pureza da pátria - judeus, homossexuais, intelectuais e militantes de esquerda etc. -, é lógico que o nazismo tenha valorado as cidades, sobretudo as grandes, antes negativa que positivamente. Ainda que se concedesse que nas cidades é que se concentravam a cultura e o poder político,⁶ em última análise a "superurbanização [*Überstädterung*], a formação de grandes cidades" seria sem sombra de dúvida "um processo ameaçador da vida de um povo, e, para uma cultura, provavelmente o sinal de sua morte próxima".⁷

Seja como for, Hellpach, o autor da afirmação acima, pertenceu ao grupo dos mais moderados, uma vez que, no seu entender, seria um erro ver a grande cidade como completamente malévola.⁸ Karl Haushofer, o mais conhecido e influente dos geopolíticos alemães, não enxergou, de sua parte, praticamente nada de positivo no fenômeno da grande cidade: esta seria, com efeito, nada além de uma "devoradora da vida sobre a superfície terrestre".⁹

Para os geopolíticos era a correlação entre urbanização e queda da taxa de natalidade particularmente importante - e preocupante. Aí residiria um grande perigo, uma vez que a pátria necessitava cada vez mais de homens, como trabalhadores, soldados e representantes da

"raça ariana". Hans Harmsen publicou na *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica) um ensaio bastante ilustrativo, no qual ele chamava a atenção para a correlação positiva entre urbanização e despovoamento na França.¹⁰ O mesmo fez Albrecht Haushofer, no mesmo número da *Zeitschrift für Geopolitik*, com relação à Grã-Bretanha.¹¹

Não raramente foi o objetivo de se alcançar um elevado número de habitantes justificado com advertências sobre perigos de ordem biológica ou antropológica, e não poucas vezes deu origem ele a prescrições como as contidas nesta passagem extraída de um artigo de F. Burgdörfer:

"No interesse da manutenção da saúde biológica e da preservação do povo alemão, no interesse da afirmação do solo pátrio alemão através do e para o povo alemão, se afigura necessário acima de tudo fixar os descendentes das populações rurais na terra por meio de assentamentos camponeses e agrícolas. Ao lado disto é igualmente imperativo buscar a maior descentralização possível da indústria e o afrouxamento das grandes cidades, especialmente através da implantação de assentamentos suburbanos que ofereçam empregos complementares."¹²

A citação acima não deixa dúvida quanto ao fato de que os geopolíticos do III Reich não eram contrários a *toda* forma de industrialização e modernização, o que obviamente teria sido insustentável. Em realidade foram eles apologistas de um outro modelo de organização espacial, em cujos marcos "uma reagrarização com o fito de restaurar um equilíbrio adequado entre agricultura e indústria no contexto de nossa economia", como escreveu Burgdörfer,¹³ deveria receber prioridade. Nada secundária foi, ademais disso, a questão da autonomia nacional no terreno da produção de alimentos, revelando uma preocupação que trai um enfoque a serviço de uma estratégia de preparação para a guerra.¹⁴

Tudo isso junto mostra até que ponto a "urbanofobia" nazi-fascista¹⁵ se deixa reportar ao pano de fundo político. Uma "urbanofobia" que, aliás, o próprio Adolf Hitler expressara com toda a contundência:

"A razão mais profunda para as desgraças da Alemanha e do mundo reside no fato de que homens demais perderam seus vínculos com o solo, vivem amontoados em grandes cidades e, com isso, são mais duramente atingidos por qualquer mudança na economia do que o homem que possui sua própria terra."¹⁶

2. O urbano e a urbanização na Geopolítica brasileira do Regime de 64

Os geopolíticos brasileiros da primeira metade deste século não se pronunciaram acerca de "problemas urbanos" e do fenômeno da urbanização. Isto não é, porém, de espantar, mesmo quando se considera o fato de que a Geopolítica alemã era um modelo para os militares brasileiros. Até mesmo o civil Everardo Backheuser, um dos principais introdutores do pensamento geopolítico alemão no Brasil e conhecedor de problemas urbanos, jamais tratou estes de um ponto de vista estritamente "geopolítico".¹⁷ Esse silêncio tem a ver evidentemente com o fato de que problemas sociais nas grandes cidades brasileiras de então ainda tinham um significado meramente *local*, excetuando-se algumas greves de trabalhadores. O Brasil ainda era um país essencialmente rural, no qual questões como "urbanização explosiva" ainda não se tinham tornado relevantes.

Espelhando a realidade do momento histórico em que ele escreveu seu livro "Brasil - Geopolítica e destino", o General Carlos de Meira Mattos, conhecido geopolítico do período do Regime de 64, mostra-se entusiasmado com a urbanização do país. Isso seria na sua opinião um claro sinal de que o Brasil se estaria a aproximar de seu destino de grande potência:

"Os modelos de modernização da sociedade oferecem como referência de progresso econômico e social o aumento progressivo na urbanização das populações. A proporção de 1/4, como referência entre a população urbana e rural, é considerado índice de atraso, de subdesenvolvimento; a razão de 1/2 é menos atraso; a empatie 1/1, a que chegamos, já indica bom impulso desenvolvimentista; daí em diante, 2/1 e 3/1 são índices de muito desenvolvimento no mundo de hoje."¹⁸

Nem sempre assim tão ingênuos foram os ideólogos. Sob o governo do General Geisel - ele próprio não sendo um geopolítico, mas o mais arguto e preparado dentre os generais presidentes, e tendo como ministro-chefe da Casa Civil o General Golbery do Couto e Silva, o mais importante geopolítico brasileiro do pós-Segunda Guerra - foi preparado o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), o qual refletiu as preocupações com os então sócio-politicamente já bastante visíveis problemas das grandes cidades:

A excessiva concentração urbana, que ocorre sobretudo nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, está acarretando sérios problemas de congestionamento, superpopulação e poluição, em detrimento da qualidade de vida e do equilíbrio social.¹⁹

A terapia, trazida para o terreno do planejamento estratégico, compreenderia várias metas, as quais deveriam ser perseguidas diferenciadamente conforme a região (as cinco macrorregiões geográficas definidas pelo IBGE), e deixando-se viabilizar com a ajuda de um arcabouço institucional representado, por exemplo, pela implementação efetiva das nove

regiões metropolitanas sob coordenação da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana - CNPU.

A crescente consciência acerca dos "perigos" representados pelas grandes aglomerações urbanas não significa, contudo, que os militares ou os tecnocratas a serviço do Regime de 64 fossem particularmente urbanóforos. A valoração positiva da urbanização, representada simplismente pelo General Meira Mattos, não foi negada pelos demais geopolíticos. Os problemas que, no Brasil, acompanham essa urbanização, não passaram, porém, despercebidos, ainda que suas causas sociais mais profundas tenham sido intencionalmente negligenciadas. Soa, assim, exagerado, quando Francisco de Oliveira escreve que a ideologia do Regime de 64 era, "em suas grandes linhas", "uma ideologia de classe média que postulava algo como uma 'ruralização' do País: o horror às cidades naquilo que estas expressavam a possibilidade do poder político do proletariado".²⁰ Nem sempre o conservadorismo resvala para uma decidida "urbanofobia", como já o exemplo de Ratzel o demonstrara. O pensamento acerca da urbanização e das grandes cidades produzido pelos geopolíticos e tecnocratas de alto escalão do Regime de 64 se constitui numa assimilação da substância das teorias da modernização oriundas da Sociologia - as quais viam, no geral, nas cidades cabeças-de-ponte reais ou potenciais para a introdução dos valores impulsionadores do "desenvolvimento" - por parte das instâncias de poder e de planejamento estratégico de um regime militar.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

O pequeno artigo que se acabou de ler não visou mais do que informar o público brasileiro interessado em questões de Geografia Urbana, Geopolítica e Geografia Política acerca das posições da Geopolítica alemã do período nazista no que diz respeito à "(dis)funcionalidade" da urbanização para o "desenvolvimento nacional", comparando essas posições com aquelas de Ratzel e de geopolíticos brasileiros. Tive o privilégio de ter acesso, entre 1989 e 1993, à coleção completa da *Zeitschrift für Geopolitik* na biblioteca do Instituto de Geografia da Universidade de Tübingen, Alemanha, uma das poucas bibliotecas de grande porte que escapou incólume dos bombardeios aliados. Chamou-me a atenção, nos artigos da *Zeitschrift*, a grande importância atribuída por vários dos geopolíticos de maior relevo à questão dos "perigos da urbanização", peça de certo destaque no discurso ideológico nazifascista durante os anos 30. Comparando esse discurso com o pensamento de Ratzel e as posições dos geopolíticos brasileiros da época do Regime Militar, cabe como conclusão a seguinte, já adiantada na introdução deste texto: as distâncias histórico-espaciais que

separavam a Alemanha recém-unificada de Ratzel da Alemanha do entre-guerras de Haushofer, e esta do Brasil dos anos 60 e 70, não podem, em hipótese alguma, ser subestimadas. São estas distâncias que explicam porque, lá onde muitos esperam ver apenas "continuações" e "desdobramentos" de doutrina, o que se tem são visões díspares, até mesmo antagônicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACKHEUSER, E. Habitações populares. Relatório apresentado ao exm. sr. dr. J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1906
- BURGDÖRFER, F. Stadt oder Land? Berechnungen und Betrachtungen zum Problem der deutschen Verstädterung. Zeitschrift für Geopolitik, Berlim (1-6): 105-113, 1933
- HARMSSEN, H. Verstädterung und Entvölkerung Frankreichs. Zeitschrift für Geopolitik, Berlim (1-6): 117-122, 1933 (1933a)
- Das bevölkerungspolitische Programm Mussolinis: "Entvölkerung der Städte" und "Verländlichung". Zeitschrift für Geopolitik, Berlim (1-6): 123-125, 1933 (1933b)
- HAUSHOFER, A. Die ländliche Entvölkerung in Grossbritannien. Zeitschrift für Geopolitik, Berlim (1-6): 98-100, 1933
- HAUSHOFER, K. Zum Fragenkreis der Verstädterung, I. Zeitschrift für Geopolitik, Berlim (1-6): 100-102, 1933
- HELLPACH, W. Ethno- und geopolitische Bedeutung der Grossstadt. Zeitschrift für Geopolitik, Berlim (1-6): 226-234, 1936
- MATTOS, C. de M. Brasil - Geopolítica e destino. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979
- OLIVEIRA, F. de. Expansão capitalista, política e estado no Brasil: notas sobre o passado, o presente e o futuro. In: OLIVEIRA, F. de: A economia da dependência imperfeita. Rio de Janeiro, Graal, 1989, 5.^a ed.
- II PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO - 1975-79 (Brasília? 1975?)
- RATZEL, F. Politische Geographie. Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges. Munique e Berlim, 1903, 2.^a ed.
- Die geographische Lage der grossen Städte. In: Kleine Schriften von Friedrich Ratzel, zweiter Band. Munique e Berlim, 1906
- SCHÖLLER, P. Wege und Irrwege der Politischen Geographie und Geopolitik. In: MATZNETTER, J. (org.): Politische Geographie. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977
- SOUZA, M. J. L. Armut, sozialräumliche Segregation und sozialer Konflikt in der Metropolitanregion von Rio de Janeiro. Ein Beitrag zur Analyse der "Stadtfrage" in Brasilien. Tübingen, Selbstverlag des Geographischen Instituts der Universität Tübingen, 1993
- WITTFOGEL, K. Geopolitik, geographischer Materialismus und Marxismus. In: MATZNETTER, J. (org.): Politische Geographie. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977

-
- ¹ Vide SOUZA (1993)
- ² Vide RATZEL (1906)
- ³ RATZEL (1906) p. 461
- ⁴ RATZEL (1903) p. 422
- ⁵ Vide, p.ex., WITTFOGEL (1977) e SCHÖLLER (1977)
- ⁶ Cf. HELLPACH (1936) p. 232
- ⁷ HELLPACH (1936) p. 233
- ⁸ Cf. HELLPACH (1936) p. 233
- ⁹ K. HAUSHOFER (1933) p. 102
- ¹⁰ HARMSSEN (1933a)
- ¹¹ Cf. A. HAUSHOFER (1933)
- ¹² BURGDÖRFER (1933) p. 113
- ¹³ Cf. BURGDÖRFER (1933) p. 110
- ¹⁴ Vide BURGDÖRFER (1933) p. 110
- ¹⁵ Também o fascismo italiano incluiu um conteúdo marcadamente "urbanóforo". Declarações e a política populacional de Mussolini serviram mesmo de fonte de inspiração para geopolíticos alemães (p.ex., HARMSSEN, 1933b).
- ¹⁶ *Apud* BURGDÖRFER (1933) p. 112
- ¹⁷ Backheuser escreveu, quando jovem engenheiro no começo do século, um relatório ao então Presidente da República sobre a questão habitacional no Rio de Janeiro, onde ele adverte para as tensões e os conflitos sociais a que essa problemática poderia levar (BACKHEUSER, 1906, p. 126). No entanto, ele não retomou essa temática mais tarde, fazendo a ponte com o pensamento geopolítico.
- ¹⁸ MATTOS (1979) p. 145
- ¹⁹ II PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, p. 86 (grifado por M.J.L.S.)
- ²⁰ Cf. OLIVEIRA (1989) p. 124